

A Invisibilidade Midiática de Mulheres Negras como Figuras Maternas no Dia das Mães¹

Leandra Lima de SOUZA²
Regina Lucia Alves de LIMA³
Universidade Federal do Pará, Pará, PA

RESUMO

Este artigo busca analisar a invisibilidade de mulheres negras promovida pelo jornal impresso O Liberal, em relação a pautas que não reforcem estigmas sociais e estereótipos vinculados às relações sociais dessas sujeitas, como a do dia das mães. A ideia principal deste trabalho é expor como tal dinâmica racista está enraizada e estruturada em veículos de mídia pertencentes a grandes grupos de comunicação do país. Assim como demonstrar que esse processo pode ser efetuado de forma explícita ou velada. Por fim, além realizar uma denúncia, o trabalho também mostra que é possível construir um conteúdo midiático com a exibição de histórias de mulheres negras que promova um enredo baseado no respeito, carinho e afeto.

PALAVRAS-CHAVE: jornal impresso; mulher negra; invisibilidade.

INTRODUÇÃO

Como se identificar enquanto figura materna, capaz de estabelecer afetividade, sendo uma mulher negra em um cenário que invisibiliza a sua existência? Esse questionamento pode parecer muito amplo, mas é preciso realizá-lo para entender as estratégias midiáticas do campo comunicacional brasileiro, que segrega e objetifica corpos negros há muitos anos. E o estabelecimento dessa conduta na sociedade brasileira está associado a um processo histórico de opressão: o racismo.

Para entender a invisibilidade direcionada a pessoas negras nos meios de comunicação do país, é preciso lembrar que tais grupos comunicacionais são componentes de instituições da sociedade civil que estão inseridas em um cenário histórico-social, construído e fortalecido por um sistema racista. Logo, essas instituições ausentam a imagem de grupos minoritários que não correspondam ao padrão ideal da

¹ Trabalho apresentado no Intercom Júnior – IJ01 – Jornalismo do 19º Jornada de Iniciação Científica em Comunicação do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, realizado de 4 a 8 de setembro de 2023.

² Estudante de Graduação 7º. semestre do Curso de Comunicação Social - Jornalismo da Facom-UFPA, e-mail: souleandra04@gmail.com.

³ Orientador do trabalho. Professora do Curso de Comunicação Social da Facom-UPFA, e-mail: reginalima@ufpa.br.

branquitude e/ou os associam a uma figura social estereotipada referente ao que elas acreditam por ser negro. Assim, a invisibilidade midiática de pessoas negras permanece sob uma estrutura racista que rege as relações sociais brasileiras (ALMEIDA, 2019).

Dessa forma, mulheres negras são atingidas por tal perspectiva como lascivas e promiscuas, ou como detentoras de exorbitante força, além de agressivas. Segundo Lélia González, analisar a representatividade de mulheres negras na cultura brasileira (incluindo principalmente os meios de comunicação que são responsáveis por reproduzi-la) se associa a três posições socioculturais: mulata, doméstica e mãe preta (GONZÁLEZ, 1984). Essas representações ajudam a entender o porquê de grandes veículos de mídia não escolherem mulheres negras para protagonizarem determinados conteúdos, tal como matérias de capa do dia das mães.

González afirma que essa conduta cultural se configura a partir de uma visão misógina, racista e sexista acima da mulher negra, que direciona seu corpo a conteúdos midiáticos de cunho estereotipado, sujeito a hiperssexualização (mulata); ou a prestação de serviços doméstico (empregada domésticas); ou, ainda, a maternidade desamparada e/ou interrompida (mãe preta).

Com base nesse cenário é possível evidenciar a ausência predominante de mulheres negras como protagonistas de histórias maternas na capa das edições do dia das mães de 2016 a 2020, no jornal impresso O Liberal⁴ (pertencente ao maior grupo de comunicação do estado do Pará). A sede do veículo de comunicação está localizada na capital paraense (Belém), que se originou do mesmo processo de colonização racista, como a maioria das outras cidades do Brasil. Desse modo, os espaços de poder belenenses estão marcados pelo racismo estrutural, e os grupos comunicacionais da cidade estão inseridos nesse contexto, ou seja, a invisibilidade midiática de mulheres negras demonstrada por esta pesquisa no jornal O Liberal, durante o período selecionado, comprova esta estrutura.

O que as edições de 2016 a 2020 do jornal impresso demonstram diante a análise, é que houve uma colaboração por parte do veículo, no silenciamento e apagamento de mulheres negras como figuras maternas. Por isso, o método qualitativo ajudará a entender por meio da análise das edições, o quão problemático é a postura de um grande jornal impresso selecionar, majoritariamente, a imagem de mulheres brancas, para

⁴ O jornal impresso “O Liberal” é um veículo de mídia da região Norte fundado há mais de 70 anos, que pertence ao Grupo Liberal. Mais informações, disponível em: <https://liberal.com.br/grupo-liberal/>

exemplificarem conteúdos midiáticos que não as desqualificam ou as desumanizam enquanto pessoas e/ou cidadãs, baseado em um cumprimento social que as inscrevem como figuras doces, angelicais e, é claro, maternas.

Eni Orlandi (2012) garante que esse tipo de posicionamento, se torna viável para identificar o “imaginário” criado por trás dele. Pois bem, quando o O Liberal produz notícias, capas de matérias e reportagens, entre outros conteúdos direcionados a uma elite branca, não significa afirmar que aquela simbologia veiculada atende ao interesse de todos e, principalmente, representa a todos.

Com ela (a análise) podemos atravessar esse imaginário que condiciona os sujeitos em suas discursividades e, explicitando o modo como os sentidos estão sendo produzidos, compreender melhor o que está sendo dito” (ORLANDI, 2012, p. 42).

O QUE A INVISIBILIDADE APRESENTA

A Figura 1 apresenta uma mulher branca, com duas crianças (também brancas), protagonizando uma matéria que aborda a dualidade entre exercer a maternidade e seguir com seus projetos profissionais aos 30 anos. Uma pauta importante, no entanto, tal realidade não é algo novo para mulheres negras. Historicamente no âmbito familiar, mulheres negras sempre exerceram mais de uma jornada de trabalho: chefiar um lar, estabelecer presença materna, executar plenamente a sua profissão, entre outras ocupações. De acordo com o Boletim Especial elaborado pelo Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (DIEESE, 2023), mulheres negras lideram a chefia dos lares brasileiros, com o comando de cerca de 21,5 milhões de domicílios. O documento foi elaborado em alusão ao Dia Internacional das Mulheres (8 de março).

Figura 1- Extrato da Capa (Edição 2016)



Fonte: OLiberal.com (2023)

A Figura 2 praticamente remete a mesma abordagem da Figura 1, uma vez que exibe o relato da dupla jornada entre a maternidade e a carreira profissional, novamente com o protagonismo de uma mulher branca. Desse modo, atuando em conformidade com o “imaginário” criado por trás dessa temática, no qual propõe uma ideia de emancipação feminina sobreposta, majoritariamente, a mulheres brancas.

Figura 2- Extrato da Capa (Edição 2016)



Fonte: OLiberal.com (2023)

A Figura 3 também vincula a reportagem especial de dia das mães a um contexto socioeconômico. O objetivo da matéria foi demonstrar como as mães lidavam com a situação de crise econômica que o país enfrentava na época, além do impacto que tal cenário poderia provocar à maternidade, especialmente de mulheres de classes sociais mais baixas. Novamente, a capa do jornal é estampada por uma mulher branca.

Figura 3 - Extrato da Capa (Edição 2018)



Fonte: OLiberal.com (2023)

A Figura 4, durante o período selecionado para a análise nesta pesquisa, exibiu pela primeira vez a imagem de uma mulher negra de pele clara. Essa mulher estampou a capa do jornal impresso O Liberal para protagonizar uma reportagem de dia das mães que continha um enfoque diferente das demais. O conteúdo jornalístico procurou abordar a experiência de exercer a maternidade por meio da adoção, uma temática que não se distanciou da premissa: maternidade versus fator socioeconômico.

Figura 4 - Extrato da Capa (Edição 2019)



Fonte: OLiberal.com (2023)

Com um olhar diferenciado para um tema que desperta grandes discussões na sociedade, a Figura 4 se distancia do frequente diálogo entre o ser mãe e dirigir uma

excelente carreira; ter um filho e liderar uma família; ou, ainda, enfrentar uma crise e garantir a criação de seus filhos. Pautas importantes para serem exibidas, mas que confirmam o posicionamento do veículo de mídia em não considerá-las como ideal para serem protagonizadas por uma mãe negra. Logo, a demonstração de qualquer laço afetivo permissível a essas sujeitas perpassa pela reprodução de estereótipos que as exponham como fortes, guerreiras e batalhadoras, passivas de driblar inúmeras adversidades sociais no papel de uma verdadeira “mãe preta” (GONZÁLEZ, 1984).

Dessa maneira a Figura 5, retorna com a imagem da mulher branca para espelhar novamente uma notícia de segmento editorial que a vincula para uma abordagem socioeconômica, na qual exhibe o grande número de lares paraenses chefiados por mulheres. Outra vez, atuando de acordo com um “imaginário” que atende aos interesses de uma elite branca, estruturada pelo racismo (ORLANDI, 2012).

Figura 5 - Extrato da Capa (Edição 2020)



Fonte: OLiberal.com (2023)

Por meio da análise do material é possível identificar que apenas a edição de 2019 apresenta na matéria de capa, a imagem de uma mulher negra como figura materna, que se difere das demais, por protagonizar uma história distante de um viés econômico, o que também se configura como uma problemática, haja vista que esse tipo de tema não é dirigido a mulheres negras. Assim, provocando um entendimento social de que esse problema não as afetam e que essas mulheres são capazes de superá-lo sem o apoio de políticas públicas por exemplo.

É dessa forma que se constata, no período selecionado, a manutenção de um sistema estruturalmente racista no jornal impresso, cuja a atuação segregou sujeitas plenamente capazes de exercer a maternidade com todas as belezas, desafios e conquistas consequentemente de mulheres brancas. Além disso, exhibe a herança de instituições que construíram seus espaços de poder a partir da naturalização a ausência ou, a pouca representatividade, de pessoas negras como protagonistas de histórias que não reforcem estereótipos racistas.

Quando o jornal impresso O Liberal agiu em conformidade com as estruturas do racismo, avalia-se que o mesmo foi responsável por estabelecer a manutenção desse sistema, que invisibiliza corpos negros e que normaliza a escolha de uma única mulher negra, em detrimento de várias outras mulheres brancas, para estampar a capa de dia das mães. Com isso, o conteúdo produzido pelo jornal impresso pressupõe que tal condição materna é improvável de ser protagonizada por mulheres negras.

COMO MULHERES NEGRAS SÃO INVISIBILIZADAS PELOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO?

Para que uma ideia se concretize no imaginário social, é preciso haver uma estrutura e uma fundamentação que normalize tais pensamentos como naturais. Quando o O Liberal exclui a imagem de mulheres negras de matérias capazes de humaniza-las, percebe-se que esse veículo de mídia age de acordo com o fortalecimento de um ideal racista inserido na sociedade brasileira, tal como foi exposto mais acima.

Silvio de Almeida (2019) considera que essa “realidade” é um aspecto que molda a “ideologia social” dos meios de comunicação na seleção de temas que visibilizem ou invisibilizem pessoas negras. De acordo o autor, “a ideologia, portanto, não é uma representação da realidade material, das relações concretas, mas a representação da relação que temos com essas relações concretas” (ALMEIDA, 2019, p. 42).

Por isso, no período extraído do jornal O Liberal de 2016 a 2020, é possível visualizar essa “relação” por meio de um esquema estrutural do racismo que se manifesta, na pouca representatividade de mulheres negras, nas capas das edições dos dias das mães. Essa conduta, reafirma uma estratégia que segrega estas sujeitas de espaços onde possam mostrar suas histórias de afeto, carinho e conquista, tal como simplesmente exercer a

maternidade, algo que remete a um ato de protagonismo político para aquela que consegue exercer plenamente esse papel. E é a partir dessa pouca representatividade que Lélia González (1984) apresenta duas noções de caracterização do racismo, que são reafirmadas pelos meios de comunicação (tal como no jornal impresso *O Liberal*) com base na “consciência e memória” social.

A partir da “consciência”, González (1984) afirma que seu objetivo é enraizar um discurso ideológico, no qual promova a exibição de um “lugar do desconhecimento, do encobrimento, da alienação, do esquecimento e até do saber”. Já enquanto “memória”, a autora sugere que a proposta exemplifique um lugar de inscrição que restitui uma história não contada.

Consciência exclui o que memória inclui. Daí, na medida em que é o lugar da rejeição, consciência se expressa como discurso dominante (ou efeitos desse discurso) numa dada cultura, ocultando memória, mediante a imposição do que ela, consciência, afirma como a verdade (GONZÁLEZ, 1984, p. 262)

Historicamente pessoas negras tiveram suas identidades e vivências apagadas, ocasionadas pelo processo de ocupação de seus territórios; apropriação de suas riquezas; e escravização de seus corpos. Nas noções defendidas por González (1984), se entende que a “consciência desconhecida” e a “memória apagada” são parte dessa perspectiva colonialista que desumanizou a história negra. E quando um jornal impresso, séculos depois do processo formativo do Brasil, continua a excluir a narrativa de mulheres negras, se prova que tal ação atua como herança desse sistema que constituiu o país.

Com a análise do período entre 2016 e 2020, é possível entender para quem a produção de notícias do jornal impresso está sendo direcionada, uma atuação que age em conformidade com um sistema de mídia fundamentado na reprodução do racismo que, ainda, funciona em benefício de uma parcela da sociedade mais elitizada e nobre, logo, uma parcela mais branca. O jornal impresso *O Liberal*, popularmente, dirige seus conteúdos as classes médias e altas da Região Metropolitana de Belém (RMB), o que inevitavelmente ocasiona em defender e privilegiar os interesses da branquitude.

Eni Orlandi (2012), analisa que a reprodução desse tipo de discurso corrobora com um mecanismo (ideológico) que garante a invisibilidade e o apagamento da memória de pessoas negras, isto é, atravessado por formas materiais (escravização) que constroem transparências possíveis de serem interpretadas por “determinações históricas que se apresentam como imutáveis” (racismo estrutural). Logo, a representação majoritária de

mulheres brancas no conteúdo apresentado pelo veículo se explica como uma ideia advinda de um imaginário branco, ancorado em sistema elitista e racista que exclui grande parte da realidade populacional de Belém.

O QUE VÊM DEPOIS DA INVISIBILIDADE?

Para explicar a escolha do período entre 2016 a 2020, como objeto de análise, é necessário entender um acontecimento que marcou mundialmente o debate sobre as pautas antirracistas e a posição de pessoas negras perante um sistema hegemonicamente regido pela branquitude: a morte de George Floyd⁵.

No dia 25 maio de 2020, o estadunidense, afro-americano, George Floyd foi assassinado no Sul dos Estados Unidos, por um grupo de policiais, em uma abordagem que durou cerca de 9 minutos, resultando em sua morte brutal. As imagens do crime foram compartilhadas massivamente pelas redes sociais, de uma maneira que movimentou pessoas de vários países a irem as ruas, mesmo durante a pandemia da covid-19, reivindicar a punição dos policiais Derek Chauvin, Thomas Lane, J. Kueng e Tou Thao⁶.

O caso de Floyd provocou uma série de revoltas e inúmeras manifestações pelo mundo, popularizando o Movimento *Black Lives Matter* (Vidas Negras Importam). No Brasil as reivindicações eram das mais diversas, iam desde exigir a punição dos policiais envolvidos pelas autoridades estadunidenses, até a reivindicação por mais direitos a comunidade negra brasileira, tais como acesso a políticas públicas básicas⁷ (que com a pandemia foram ainda mais negligenciadas). Entre os demais questionamentos antirracistas denunciados pelos manifestantes estava a falta de representatividade de pessoas negras na indústria midiática do país. Uma rede de artistas, jornalistas, produtores de conteúdo, e diversas outras pessoas que trabalhavam com mídia comunicacional, assim como a sociedade civil que era consumidora, começaram a expor seu descontentamento perante um cenário produtor de cultura, entretenimento e notícias que era ocupado predominantemente por pessoas brancas.

⁵ Acompanhe a matéria sobre o caso, disponível no G1: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2020/05/27/caso-george-floyd-morte-de-homem-negro-filmado-compolicial-branco-com-joelhos-em-seu-pescoco-causa-indignacao-nos-eua.ghtml>

⁶ No ano passado os quatro policiais envolvidos foram condenados pelo caso, acesso em: <https://veja.abril.com.br/mundo/ex-policiais-sao-condenados-por-violar-direitos-civis-de-george-floyd>

⁷ O Nexo divulgou uma matéria sobre os cinco principais pontos de impacto da pandemia nas desigualdades raciais do Brasil: <https://pp.nexojornal.com.br/perguntas-que-a-ciencia-jarespondeu/2022/5-pontos-sobre-desigualdades-raciais-e-os-impactos-da-pandemia>

No então cenário instaurado, onde diversas pessoas exigiam mudanças no tratamento que era direcionado a pautas e trabalhos realizados por pessoas negras, veículos de mídia, de forma tardia e vagarosa, deram início a um processo de inclusão desses sujeitos como produtores e protagonistas de narrativas relevantes. Contudo, é evidente que um processo de exclusão e invisibilidade promovido por séculos, não iria ser solucionado repentinamente. Almeida (2019) ressalta sobre a importância de proporcionar oportunidades e fornecer “lugar de fala” a pessoas negras, porém indaga sobre a eficácia de tal “medida”. “Além de medidas que coíbam o racismo individual e institucionalmente, torna-se imperativo refletir sobre mudanças profundas nas relações sociais, políticas e econômicas”.

O assassinato de Floyd e as intensas manifestações que sucederam o crime, ocasionaram transformações no tratamento direcionado a pessoas negras em diferentes espaços, incluindo os meios de comunicação. Em virtude disso, foi necessário também analisar as três capas do dia das mães do O Liberal, posteriores ao período selecionado pela pesquisa (2016 a 2020), as quais correspondem aos anos de 2021, 2022 e 2023. Essa análise se torna necessária para observar se o posicionamento do jornal impresso permaneceu o mesmo em selecionar, predominantemente, mulheres brancas ou se sofreu alguma alteração na escolha de “personagens” para espelharem a capa das edições dos anos seguintes. Além disso, a observação de tais edições possibilita visualizar se houve a abordagem de uma temática que reproduzisse algum tipo de estereótipo.

A Figura 6 exibe duas mulheres, ambas profissionais da área da saúde, que relatam sobre os desafios redobrados na manutenção de suas atuações no âmbito familiar e hospitalar. A matéria de capa expõe a imagem de uma médica (mulher branca) e uma técnica de enfermagem (mulher negra de pele escura).

Figura 6 - Extrato da Capa (Edição 2021)



Fonte: OLiberal.com (2023)

Já a Figura 7 mostra a imagem de uma mulher negra (universitária), pertencente a uma comunidade quilombola, na qual expõe a luta e a resistência na atuação de ser mãe e liderança tradicional. Uma abordagem que intrinsecamente remete a ideia de “mãe preta” reforçada pela cultura brasileira (González, 1984).

Figura 7- Extrato da Capa (Edição 2022)



Fonte: OLiberal.com (2023)

Por fim, a Figura 8 apresenta uma capa que exhibe uma mulher branca com seu filho, onde ambos andam de skate. A proposta dessa matéria é expor as diferentes “perspectivas de realizações e afetos” vinculadas a figura materna. Um tema que

vislumbra entre as dificuldades de estabelecer uma carreira profissional e garantir a manutenção da maternidade, novamente associado a uma condição socioeconômica que rodeia a vida da maioria das mães da atualidade, mas que é predominantemente exemplificado por mulheres brancas.

Figura 8 - Extrato da Capa (Edição 2023)



Fonte: OLiberal.com (2023)

De acordo com Almeida (2019), não se posicionar ou promover mudanças perante uma estrutura sistematicamente racista, não torna “moral e/ou juridicamente” um veículo de mídia, uma empresa pública ou privada e uma instituição “culpada ou responsável”, mas certamente contribui para que esses espaços de poder cooperem com a estrutura racista. No momento em que há o silenciamento ou mudanças ínfimas ou, ainda, a contínua prática de estereotipar (seja veladamente) mulheres negras, percebe-se que os artifícios de mudança utilizados por tais espaços de poder são irrisórios. “A mudança da sociedade não se faz apenas com denúncias ou com o repúdio moral do racismo: depende, antes de tudo, da tomada de posturas e da adoção de práticas antirracistas” (ALMEIDA, 2019 p. 34).

No material coletado, se nota que na Figura 6, 7 e 8 (três edições posteriores ao período selecionado), apenas duas destacam o protagonismo de mulheres negras em pautas sobre o dia das mães: uma expõe a história de Shirley Maia, técnica de enfermagem subordinada de uma médica (mulher branca), que realizou um trabalho árduo durante a pandemia, em meio ao desdobramento de atuar como uma profissional da saúde e exercer a maternidade, com segurança e conforto a sua filha; a outra aborda a vivência de Daniele Bendelac Pinheiro, como mãe (universitária) e liderança quilombola, que luta e resiste

politicamente por sua comunidade Umarizal, aliado ao exercício ao maternidade. Destacar tais narrativas claramente são importantes e fortalecem a exibição de histórias negras, mas é preciso que essas mudanças também sejam questionadas, para entender como a introdução de temáticas que destacam o protagonismo de mães negras, podem ter continuidade e/ou como o uso da imagem dessas sujeitas são capazes de exemplificar notícias que veiculem estereótipos velados comumente direcionadas a elas?

Orlandi (2012), considera que o “sentido” não diz respeito as “intenções” de quem está por trás da sua produção, isto é, atuar em prol da diversidade racial no intuito de demonstrar mudanças para o seu público consumidor, principalmente ocasionado por um assassinato brutal de um homem negro, não significa afirmar que tal discurso está intencionado em combater o racismo, mas que esta conduta – “intenção” é um efeito de transformações políticas e sociais. “Os sentidos não estão nas palavras elas mesmas, estão aquém e além delas” (ORLANDI, 2012, p. 42).

AFETO, CUIDADO E PROTEÇÃO: É POSSÍVEL ESSA CONDIÇÃO A MATERNIDADE NEGRA?

Denunciar a estrutura racista que rodeia as mulheres negras, relegando-as como sujeitas que são reféns de pouca representatividade materna no objeto de pesquisa selecionado é importante, mas este trabalho também se propõe a mostrar que é possível e permissível retratar essas narrativas com sensibilidade, na busca de escapar de concepções preestabelecidas pelo racismo. No momento em que o jornal impresso se dispõe a relatar histórias de mulheres negras, se constata, de maneira ínfima, uma elaboração de pautas que proporcionam representatividade, mas que esbarram com a reprodução de estereótipos. É por isso que pessoas negras devem estar por trás do processo de produção de conteúdos midiáticos, para que seja perceptível a alteração na abordagem de histórias e narrativas.

Em meados do século XX, a escritora afro-americana Maya Angelou narrou de uma maneira intimista o ato de receber e exercer a maternidade negra para além do contexto sociocultural em que vivia, carregado por um racismo sistêmico, estrutural e governamental. Maya Angelou conseguiu expressar por meio das obras “Carta a minha Filha” (2019) e “Mamãe e Eu e Mamãe” (2018), a realidade em ser filha e mãe de pessoas

negras com sensibilidade, afetividade e carinho. A autora estadunidense (2019) confessa que crescer na cidade de Stamps, onde a segregação racial era institucionalizada pelo Estado, foi um extrato de luta contínua contra um sistema opressor, mas que mesmo perante essa perspectiva, nunca acreditou na ideia de que “gente negra” fosse inferior a “gente branca”. “Sem saber por quê, eu não acreditava ser inferior a quem quer que fosse” (ANGELOU, 2019, p. 18). Na escrita de Angelou se nota que o seu conteúdo é criado para dirigir-se a pessoas que comumente não são escutadas ou não tenham lugar de fala no relato de suas histórias.

“O amor cura. Cura e liberta. Eu uso a palavra amor não como sentimentalismo, mas como uma condição tão forte que pode muito bem ser o que mantém as estrelas em seus lugares no firmamento e faz o sangue fluir disciplinadamente por nossas veias” (Angelou, 2018, p. 7-8).

A partir do momento em que o jornal impresso O Liberal se propõe a trabalhar de acordo com uma transformação das estruturas sociais, é necessário que tal veículo realize modificações em sua construção conservadora e embranquecida, a fim de atrair o olhar de públicos mais diversos; ou coopere em causas sociais que possibilitem mudanças em seu veículo. “Entender que o racismo é estrutural, e não um ato isolado de um indivíduo ou de um grupo, nos torna ainda mais responsáveis pelo combate ao racismo e aos racistas” (ALMEIDA, 2019, p. 34).

CONCLUSÃO

Esse trabalho se propôs a realizar uma denúncia contra a pouca representatividade de mulheres negras no meio comunicacional belenense, por meio do objeto de análise: jornal O Liberal. A intenção foi exibir resultados de que o racismo e as suas sutilezas se mantêm nos veículos pertencentes aos grandes grupos comunicacionais do Brasil, mesmo após um aumento na seleção de mulheres negras como “personagens” de matérias, reportagens e conteúdos jornalísticos no geral, frequentemente, protagonizadas por mulheres brancas, haja vista que a representatividade se altera de maneira tardia e embalada por estereótipos. Ou seja, ainda é preciso que os espaços produtores de notícia e conteúdos midiáticos do país, revejam os posicionamentos que eles vinculam a pessoas, para que não haja mais representações de temáticas que reforcem estereótipos racistas.

Em virtude disso, é importante frisar que todos os apontamentos presentes nesta pesquisa, procuram evidenciar uma estrutura racista imposta pela sociedade brasileira, constituída por um sistema escravagista. O intuito é que jornalistas, graduandos e pesquisadores da área da Comunicação compreendam os processos que antecedem e sucedem a invisibilidade, na qual pode se configurar por ausentar o relato de uma história ou por desumanizar uma narrativa a partir de um enredo que reforça a desigualdade social, cultural e afetiva existente entre mulheres brancas e não brancas. Com as mudanças realizadas pelo jornal impresso, não é possível afirmar que as atuações do veículo foram intencionais, mas possível perceber que há um padrão de seleção de temas que não abrangem a figura da mulher negra, e tal conduta, se classifica como racista.

REFERÊNCIA

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo Estrutural**. São Paulo: Pólen, 2019 (Série Feminismos Plurais).

ANGELOU, Maia. **Mamãe e Eu e Mamãe**. 2. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

ANGELOU, Maia. **Carta a minha Filha**. 2. ed. Rio de Janeiro: Agir, 2019.

DIEESE. **Boletim Especial 8 de março Dia da Mulher**. São Paulo: Dieese, 2023. Disponível em: <<https://www.dieese.org.br/boletimespecial/2023/mulheres2023.html>>. Acesso em: 16 ago. 2023.

EM tempos de crise, mães encaram desafios. **OLIBERAL.COM**, 13 de mai. 2018. Atualidades. Disponível em: <<https://oliberaldigital.grupoliberal.com/home>>. Acesso em: 17 jul. 2023.

FILHO adotivo é prova de amor. **OLIBERAL.COM**, 12 de mai. 2019. Cidades. Disponível em: <<https://oliberaldigital.grupoliberal.com/home>>. Acesso em: 17 jul. 2023.

GONZÁLEZ, Lélia. **Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira**. Revista Ciências Sociais Hoje: Anpocs, 1984. p. 223 - 244.

MÃE, a vida que renasce na força do amor eterno. **OLIBERAL.COM**, 14 de mai. 2017. Atualidades. Disponível em: <<https://oliberaldigital.grupoliberal.com/home>>. Acesso em: 17 jul. 2023.

MATERNIDADE é cultura, liderança e resistência para povos tradicionais. **OLIBERAL.COM**, 8 de mai. 2022. Cidades. Disponível em: <<https://oliberaldigital.grupoliberal.com/home>>. Acesso em: 17 jul. 2023.

MULHERES chefiam um milhão de lares no Pará. **OLIBERAL.COM**, 10 de mai. 2020. Panorama. Disponível em: <<https://oliberaldigital.grupoliberal.com/home>>. Acesso em: 17 jul. 2023.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de Discurso: Princípios e Procedimentos**. 10. ed. Campinas, São Paulo: Pontes, 2012.

PAIXÃO pelo skate passa de mãe a filho nas pistas. **OLIBERAL.COM**, 14 de mai. 2023. Esporte. Disponível em: <<https://oliberaldigital.grupoliberal.com/home>>. Acesso em: 17 jul. 2023.

PARA ser mãe, idade é o que menos importa. **OLIBERAL.COM**, 8 de mai. 2016. Atualidades. Disponível em: <<https://oliberaldigital.grupoliberal.com/home>>. Acesso em: 17 jul. 2023.